

○ regresso à terrinha

Vitória Ferreira

Lá estava eu e meus pais de volta a Portugal, Lisboa, Terrinha. Como sempre desejei após penar no meio do mato. Quando me vi, já estava no centro de Lisboa. Era muita felicidade. Estávamos no final do inverno, querendo começar a primavera, ainda fazia frio, mas nem tanto como dezembro. Geralmente quando se chega em um país europeu no inverno, para um imigrante é desanimador. Na primeira vez em que fui morar em Portugal, tive a sorte de chegar em pleno verão em andamento, no meio do ano. Então, a primeira impressão que eu tive foi muito boa. Cheguei na época dos turistas estrangeiros visitando, época das praias, do clima agradável, dos carrinhos de sorvete nas ruas (porque no inverno eles saem, dando lugar aos carrinhos de castanha). Porém para os oriundos de países quentes como nós, que chegam em pleno inverno, a tendência é desanimar, ficar deprimido e com vontade de voltar para o país de origem. Tem gente que não se acostuma com o frio. Por isso o ideal é sempre se mudar no verão. Mas agora, no nosso caso, não fazia mais diferença pelo fato de que já conhecíamos a estação quente e a estação fria de Portugal, já formamos nossa impressão, e nada para nós era desconhecido. Estávamos de volta.

Aquele dia estava sendo épico. Voltar para a Terrinha era tudo o que eu mais desejava. Eu sonhava com esse dia, que parecia nunca chegar. Sentir o cheiro da cidade. Ver a infraestrutura da cidade, que ganhava de dez a zero do meu país.

Geralmente, quando se chega de uma viagem internacional, a primeira coisa que se faz é chegar até o lugar onde você vai ficar, tomar um banho no capricho, comer um lanche e ir dormir. Iríamos fazer isso sim, mas agora não. Aquela manhã seria muito ocupada e cheia de coisas a serem resolvidas.

Minha mãe tinha um compromisso importantíssimo. Ela precisava acertar tudo para poder trabalhar como psicóloga em Portugal. Depois de muito penar, finalmente conseguimos ir atrás de toda a documentação para revalidar o diploma de psicóloga dela. Agora ela iria dar uma entrevista de emprego, e se tudo desse certo, o emprego seria dela.

Meu pai e eu fomos até a oficina mecânica, onde nosso carro estava resolvendo as pendências de importação, trocar a placa brasileira pela placa da União Europeia, entre outras burocracias. Ia demorar.

Já que eu ia ficar lá “de castigo”, então eu resolvi passar o tempo e ir até à minha antiga escola, que ficava lá perto mesmo. Quando eu estudava lá, ganhei um concurso de ditados, ortografia e gramática e recebi um prêmio, mas nunca deu certo de ir buscar, pois mudei de escola e de bairro. Eu até tentei, mas aqueles funcionários de lá fizeram tanto quiproquó, tanta burocracia, tanta cerimônia, que não me entregaram a prenda pelo simples fato de a professora não estar lá no dia. Peguei raiva e não voltei mais lá. Até porque, eu estudava o dia todo, me mudei para bem longe e não tinha tempo. E também eu não ia perder aula só por causa disso. O prêmio era o Diário de Anne Frank, uma história com final triste e eu não gosto de histórias com final triste. Mas prêmio é prêmio. Voltei para o meu Brasil e o prêmio ficou. Mas como agora eu estava lá, decidi ir atrás. Muitos pensam. Agora é tarde. Só que não. Uma coisa que eu me lembro muito bem, é uma das funcionárias do colégio dizendo que ainda que eu voltasse daqui a quatrocentos anos, o prêmio estaria lá me esperando e ninguém ia tocar nele. Bom, levei ao pé da letra. Agora que voltei, tenho chance de ir buscar.

Então cheguei à minha antiga escola, a primeira que estudei em Portugal. Um colégio dos ricos cheio de gente grosseira e hostil. Nem todos, sem generalizar, porém grande parte. Fiz alguns amigos lá, porém sofri bullying da parte de outros. O ano era 2008. Eu tinha doze anos quando estudava lá. Todas as meninas da minha classe tinham seios, já haviam menstruado, já namoravam e se achavam as crescidas. Só eu que não. Eu até tinha seios, mas não era nada se comparado aos das outras meninas. Enquanto todas eram mocinhas, eu ainda era criança. Baixinha, seios pequenos demais, rostinho infantil, nunca havia menstruado, eu nem pensava em namoro e ainda estava naquela fase de brincar de boneca, se bem que eu já estava enjoando disso. Ainda bem. Era só o que me faltava ficar brincando de boneca depois dos doze anos. Isso era motivo de zuação da parte de certas meninas. Nem todas. Algumas até me entendiam. Depois, eu não tinha dinheiro para andar chique e bem vestida, e os fatos de treino e o casaco de napa eram minhas únicas soluções para me abrigar no inverno, pois minhas roupas bonitas e chiques eram de verão, e seria incabível usá-las em pleno inverno. Morreria de frio e faria papel ridículo. Lembro-me de um dia, em que as gajas da minha turma se puseram a me dar conselhos de moda. Primeiramente, quem são elas para me darem esses conselhos? São especialistas em Moda? Não creio que sejam. Eu só aceito consultoria de moda do pessoal lá do Esquadrão da Moda, pois eles são especialistas, estudados no assunto e ainda por cima eles dão um cartão de crédito de dez mil dólares para as participantes comprarem roupas novas, e ainda por cima elas arrumam o cabelo, aprendem maquiagem e ganham uma maleta de maquiagem com tudo a que se tem direito.

Em relação aos conselhos de moda, eu levei tudo na esportiva e mantive o sorriso. Mas no dia seguinte começaram a me cobrar mudanças na

minha indumentária. Mas então expliquei a minha situação financeira para elas, disse que não tinha roupas chiques para usar e nem grana para comprar roupas novas, e que o fato de eu não estar me vestindo bem não era porque eu gostava de andar “chunga”, como eles dizem lá em Portugal para designar pessoa malvestida. Então as meninas entenderam, pediram desculpas e se retrataram comigo. Duas delas, até me doaram um carregamento de roupas de inverno. Não era nada novo, nem chique demais, porém eram roupas bem mais apresentáveis e mais bonitas do que as que eu tinha.

Porém voltando ao tempo atual, eu estava completamente diferente. Eu, com quase dezoito anos de idade, cheguei lá, linda e maravilhosa, cabelo arrumado, bem vestida, maquiada, perfumada, crescida, em cima do salto alto e segurança e firmeza para andar. Jaqueta preta de couro, jeans novo, botas, esmalte vermelho e óculos Ray Ban Wayfarer. De primeira não me reconheceram, mas depois ao descobrirem que se tratava de mim, todos se admiraram. Revi várias pessoas. Enquanto todos ali estavam concluindo o último ano do ensino secundário, eu estava já no primeiro período da faculdade, visto que no Brasil temos um ano a menos de escola. E ainda de quebra tinha uma galera lá que reprovou geral. Engraçado que eram os chatos que mexeram comigo, que fizeram bullying. Eles terem reprovado foi castigo de Deus, e foi bem merecido. Acho é bom, para largarem de ser besta.

Então eu fui até lá buscar o livro. A minha sorte é que encontrei a mesma professora minha de português, cujo nome era Maria do Rosário. Falei quem eu era, e depois de um pequeno esforço, ela se lembrou de mim.

- Claro que me lembro. A aluna que venceu o concurso de ditados. E que também escreveu um livro. – disse a professora.

- Nunca deu para eu vir buscar a minha prenda. Eu havia me mudado para um bairro remoto, daí meus pais trabalhavam o dia inteiro, eu estudava o dia inteiro e era criança demais para andar sozinha por aí atravessando a cidade. Daí eu tive que voltar a morar no meu país. Agora voltei para cá. Mas como vocês mesmo disseram, pode se passar quatrocentos anos, mas meu prêmio estaria aí intacto. Cá estou eu. – eu disse.

Então ela pessoalmente entregou-me o Diário de Anne-Frank. Finalmente estava em mãos o meu prêmio.

- Muito obrigada. – eu disse.

- De nada. – disse a professora – Foi um prazer encontrar-te.

- Igualmente. – eu disse.

Peguei meu prêmio e continuei o tour pelo colégio, para ver se via alguém conhecido.

Naquele concurso de ditados, ortografia e gramática, onde fui vencedora, logo nas semifinais eu desbanquei a Sarah, a menina mais inteligente da sala. Ela ao contrário dos outros, não tinha inveja e até me deu os parabéns por eu ter passado para as finais. Sarah era uma das minhas melhores amigas naquele ambiente hostil. Eu também era muito inteligente, porém a diferença era que no meu caso era que no meu caso, por ter saído recentemente do ensino negação do Brasil, enfrentei algumas dificuldades em algumas disciplinas, e a minha primeira nota baixa em prova eu tirei lá em Portugal. Foi em Matemática. Depois tive o infortúnio de tirar bomba nas provas de História e Geografia. Chorei, mas nunca mais. Por outro lado, eu mandava muito bem em outras matérias, como Português, Ciências da Natureza, Ciências físico-químicas, Inglês, Francês, Artes, enfim. Quando mudei de escola, melhorei muito e me foi devolvido o posto de menina mais inteligente da sala. História e Geografia, eu voltei a dominar essas matérias. Mas voltando ao assunto. Tive oportunidade de reencontrar algumas colegas minhas. Matei a saudade das que eram minhas amigas. E das que não eram, conversei civilizadamente, fui uma flor de delicadeza, mas no fundo eu não gostava de algumas delas.

Falei com uma delas, que era brasileira. No começo fizemos até amizade, parecíamos amigas, mas depois de um tempo ela começou a me zuar por aquilo citado anteriormente (porque eu ainda não havia virado mocinha). E também do nada ela ficava me enchendo as paciências.

Nos tempos de agora, conversamos e trocamos algumas novidades. Então surgiu o assunto de que Margarida estava andando com um pessoal esquisito do reaggue, estilo Bob Marley. Ela, que tinha lindos cabelos lisos cor de mel, agora estava com um rastafári ridículo, propício para uma infestação de piolhos. Em minha opinião, o rastafári só fica mais ou menos bonito em alguns homens. Em mulher nunca. De longe eu a vi andando com esse povo. Eu, que agora estava mais segura e mais irreverente, aproveitei para falar.

- Essa Margarida é uma mandona, uma chata, se acha. Não pretendo ser amiguinha dela. Não quero graça com essa daí. Mas no fundo, até que ela não é tão má pessoa. Mas que ela é chata, isso ela é sem dúvida. – eu disse.

E tinha motivos para isso. Eu sentava do lado dela na sala de aula. Ela me tratava como se eu fosse lerda, como se eu fosse um estropício. Certo dia nós estávamos na aula de geografia, resolvendo um exercício. E era relacionado à Hungria e a outros países europeus. Então eu havia comentado de uma curiosidade a respeito de que na Hungria, as mulheres eram proibidas de adentrar estádios de futebol. Daí ela pegou e disse “AGORA NÃO!” na maior ignorância. Nunca fiquei tão envergonhada. Se aquilo era verdade eu não sei, mas achei interessante porque eu havia ouvido isso na Copa do Mundo de 2006, que aconteceu na Alemanha, e a seleção húngara estava

jogando. Na arquibancada havia duas húngaras com seus bebês fofinhos no colo com protetores de orelhas para que eles não acordassem nem ficassem assustados com o barulho dos torcedores. Pelo que eu entendi, o Galvão Bueno havia dito que se o jogo estivesse acontecendo na Hungria, as mulheres seriam proibidas de entrar no estádio. Mas como o Mundial estava acontecendo na Alemanha, elas estavam aproveitando. Mas recentemente eu havia pesquisado, e descobri que não era verdade. São as iranianas que não podem entrar nos estádios de futebol. É no Irã que não pode. Dos males o menor, ainda bem que Margarida não havia prestado muita atenção no que eu disse e ainda ela desconsiderou. Senão o mico ia ser maior.

Margarida também vivia se achando porque tinha três casas, porque viajou para Sicília nas férias, dizia também que esteve com Joss Stone, e também ela afirmava que ia ao cinema todos os finais de semana e que ia a praia todo dia no verão. Eu, mera mortal, naquela ocasião eu ainda nunca havia ido ao cinema na vida, fui à praia uma vez na vida no dia que sucedeu o meu aniversário de doze anos, nunca vi uma celebridade de perto, só político (Siquerido não é celebridade nem aqui e nem na China). Essa Margarida também estava sempre implicando comigo e achando que eu tinha obrigação de ajuda-la nas atividades de francês. Tipo, eu não tinha livro e nem ela. Emprestaram um para a gente fazer a atividade de francês. Aquela disciplina era a minha paixão, a minha favorita, e eu estava tão concentrada em aprender e em copiar a atividade para eu resolver no meu caderno. Mas então a Margarida ficou reclamando, dizendo que eu não estava ajudando ela em nada.

- Não é porque eu sento perto da pessoa que eu tenho obrigação de ajudar ela não. Ai, ai. Se vira. – disse eu, agora anos depois. Essa seria a resposta que eu daria se tudo tivesse acontecido nos dias atuais, com a idade que eu tenho e com a falta de paciência que eu adquiri.

Então eu saí desfilando. Andando segura de si, como uma modelo. Lembrei-me das minhas duas colegas brasileiras chatas me ensinando a desfilar (como se elas soubessem alguma coisa do assunto). Tipo, eu usava o bom senso e não saía rebolando para desfilar. Mas não saía bom porque parecia mais que eu estava andando normal do que desfilando propriamente dito. Ah, mas anos depois isso mudou. Aprendi a desfilar e agora todo mundo estava vendo. Eu voltei totalmente mudada. Firmeza para andar, eu havia me transformado em mulher finalmente. Ai de quem viesse com bullying pra cima de mim.

De longe, reconheci o menino que se sentava na minha frente e ficava peidando com o braço e com as mãos. Ele se chamava Gerardo. Dos males o menor, pelo menos ele fazia isso só para ele, sem ficar com show de exibicionismo para a sala inteira. Mas eu, que me sentava atrás dele, observava tudo. Pum de axila, aquilo era muito engraçado. Eu ria disso em

casa. Acredita-se que ele tenha parado com essa nojeira depois que ele cresceu. Das duas, uma. Ou ele continuava com a mesma mania depois de crescido. Ou ele parou mesmo de vez e hoje ele tem até vergonha de lembrar que ele praticava cavaco de sovaco. Tipo aquilo do “meu passado me condena”. Ele era um dos únicos gajos que não ficavam me zuando nem fazendo bullying. Gerardo era da paz. Sem contar que assim como eu, ele também torcia pelo Sporting, o que era motivo suficiente para eu ir com a cara dele. Dos meninos que não zuavam comigo, era ele, o Francisco Branco (porque o outro Francisco era o capeta personificado), o Luís, o Viktor e o Sebastian. Sendo que o Sebastian era um dos meus melhores amigos. Foi o único que manteve amizade comigo mesmo longe, em outro país, e anos depois eu achei ele no Facebook e até hoje conversamos bastante.

Então eu fui lá puxar conversa com o Gerardo. Eu também tinha ele no Facebook, mas precisei tomar uma garrafada de coragem para ir conversar com ele. Apesar de ter perdido muito da minha timidez, eu ainda era meio tímida na hora de puxar conversa com alguém que não vejo há anos, e ainda por cima por chat. Tipo, vai que não era ele e eu passaria a maior vergonha. De primeira ele não havia se lembrado de mim, pois respondeu ao meu “olá” com um ponto de interrogação, mas então eu expliquei que ele havia estudado comigo no sétimo ano. Então ele se lembrou de mim pelo fato de eu ter escrito um livro e de ter vencido o concurso de ditados. Ele ainda me perguntou se eu ia publicar meu livro. Eu disse que sim, com certeza, mas só quando eu tivesse condições financeiras.

- Oi Gerardo. Lembras-te de mim? – perguntei.

- Sim lembro. Conversamos no Facebook ainda este ano. Então voltaste a Portugal. – disse Gerardo.

- Ya, voltei. – eu disse.

- O que fazes aqui no Liceu? Vais voltar a estudar cá? – perguntou ele.

- Não, Gerardo. Eu estou já na faculdade. É que no Brasil temos um ano a menos de escola, o que é ótimo. É que eu vim aqui para buscar a prenda daquele concurso de ditados. – eu disse.

- Anos depois. Mas, estas a fazer que faculdade? – perguntou ele.

- Ciência Política. – respondi – Tenho que ir andando. Até a próxima.

- Adeus. Nos vemos. – disse Gerardo.

Então encontrei o Sebastian, meu melhor amigo de longa data.

- Sebastian! – eu disse.

- Charlotte! – disse Sebastian – Não creio! É você realmente? Mas o que fazes aqui? Voltaste a Portugal? Estás de férias? Ou veio para ficar?

- Calma, respira. Uma pergunta de cada vez. Sim, sou eu. Voltei para morar e estou aqui para pegar aquela minha prenda que ganhei naquele concurso de ditados de 2008. Seis anos depois eu pego e volto. Nossa, mas que prazer em rever você, amigo. Finalmente estamos nos falando ao vivo e a cores. Eu sabia que eu ainda ia te ver aqui em Portugal. Me dá um abraço. – eu disse.

- Que bom que você voltou. Podemos nos ver mais vezes. – disse Sebastian.

- Com certeza. A gente podia combinar alguma programação juntos. – eu disse.

- Vai ser ótimo. Qualquer dia desses a gente combina de ir ao Starbucks. Você disse que nunca tinha ido lá. Então, como te sentes ao retornar a este colégio? – perguntou Sebastian.

- Tenho a sensação de volta por cima. Lembrar-me de quem eu era e ver agora no que me transformei. – eu disse.

- Estás gira. – disse Sebastian.

- Obrigada. – eu disse.

- Foi um prazer rever você. – disse ele.

- Idem. – eu disse – Bom, agora preciso ir, senão meu pai fica preocupado. A gente se vê por aí.

Então eu segui meu rumo. Eu estava com fome. A única coisa que tinha comido até agora era o café da manhã do avião. Me sustentou, mas bateu uma fome agora. Tinha alguma graninha na bolsa. Fui até a máquina, coloquei as moedas lá e comprei um Filipinos. Ah, mas aquele negócio era dos deuses. Consistia-se em bolachas com formato de argolinhas, coberta com chocolate branco. E o chocolate branco ficava meio derretido, era tudo de bom. Tinha também a de chocolate ao leite, mas eu gostava mais da de chocolate branco. No Brasil não tinha nada parecido. Eu estava até criando bicha, com tanta vontade de comer esse Filipinos. Mas no sentido figurado, lógico. Sou chique demais para contrair bicha.

Telefonei para o meu pai para ele vir me buscar.

- Pai, vem me buscar. – eu disse.

- Não vai dar não. O carro ainda está no burocrático. Vai demorar mais de dias. Eu não sabia muito bem disso. Você vai ter que pegar o autocarro. – disse meu pai.

- A treta é que eu não tenho passe, só tenho umas moedas aqui e não sei se vai dar para a passagem de autocarro. – eu disse.

Mistérios da vida. Como danado o nosso carro vermelho companheiro de guerra veio parar em Portugal com nós, sabendo que se paga um rim para trazer um automóvel de navio para o outro lado do Atlântico? Não me lembro de ser rica. Mas tudo tem explicação. Um amigo nosso bom das pernas bancou o transporte de navio do nosso carro e também os trâmites de legaliza-lo para Portugal. Que chique. Imagine eu, tirando onda de carro importado em Portugal. É para se ficar patrão.

Contei as moedinhas de cêntimo e euro, ainda bem que eram suficientes para a passagem. Entrei no autocarro da Carris e fui me encontrar com meu pai. Ah, como eu estava com saudade de andar na Carris. Autocarros bonitos, confortáveis, cheirosos, com gente bonita e de cultura. Totalmente diferente dos coletivos da cidade de Aplaosos. Os ônibus em si até que eram meio conservados, mas os motoristas eram uns cavalos de tão mal-educados, os ônibus eram todos lotados, cheios de gente feia, mal-educada e sem cultura. Enquanto que em Portugal se fazia fila para entrar no ônibus, lá em Aplaosos as pessoas avançavam todas em direção à porta, como em um estouro da boiada.

Eu estava feliz da vida por ter voltado para Portugal. Apesar de eu ser brasileira, eu tinha meu pé lá em Portugal e considerava lá a minha terra. Parte de mim era portuguesa.

Desci do ônibus e me encontrei com meu pai. Contei todas as novidades para ele.

- Finalmente com o prêmio em mãos. A própria professora me entregou. Se fosse para depender daqueles funcionários daquele colégio, eu sairia sem aquele prêmio, igual da outra vez. Eita povo complicado, fala sério. Mas eu revi muitos amigos e também rivais. Apesar do bullying que eu sofri, tudo na vida tem seu lado bom. Também fiz muitos amigos, passei momentos bons, conquistei coisas, e além do mais, nesse colégio estudaram presidentes da república, celebridades e grandes personalidades. Até um humorista do programa Gato Fedorento. – eu disse.

- Que ótimo. Fico feliz por você ter superado os momentos ruins e olhado tudo aquilo com outra perspectiva. Sinta-se importante por ter estudado em um colégio onde estudaram presidentes. E você um dia vai se tornar uma pessoa importante, uma grande personalidade, e seu nome vai estar lá no rol

das personalidades importantes que estudaram naquele colégio. Bullying tem em todo lugar, acontece com todo mundo. Não foi só com você, portanto não se sinta frágil. E hoje, todos que te conhecem perceberam as suas mudanças positivas na sua personalidade. Haja o que houver, não permita que nada abale sua confiança em si mesma. – disse meu pai.

- Obrigada, paizinho lindo. Você é o melhor pai do mundo. Te amo. E a mãe? Deu certo lá a entrevista. – perguntei.

- Ah sim, boas novas. Ela acabou de ligar. O emprego é dela. – disse meu pai.

- Que felicidade. Tudo de bom! – eu disse.

Alguns minutos depois, minha mãe chegou.

- Parabéns, mãe. Me dá um abraço. – eu disse.

- Obrigada, amorzinho. Me deu um frio básico na barriga, mas no final deu tudo certo. Estamos garantidos na terrinha. – disse minha mãe.

- Vai demorar mais de dias para esse carro sair. Vamos nos locomover de transporte público. – disse meu pai.

- É normal. Se a gente tivesse grana, poderíamos ter alugado um carro na Avis Rent a Car. – eu disse.

- Paga-se uma baba por isso. Não compensa. Só trouxemos nosso carro porque o Casper decidiu nos presentear bancando todo o transporte de navio. – disse minha mãe.

- Nós vamos comer lá na Ramiro. – disse meu pai.

- Sério, que legal. Só descobri que esse restaurante existe depois que eu já estava morando no Brasil. – eu disse.

- Dizem que esse restaurante é conhecido no mundo inteiro. Muitos turistas vão lá comer. – disse minha mãe.

Fomos lá para Intendente para comer na Cervejaria Ramiro. Almoçamos muito bem. E depois de uma ótima refeição, fomos finalmente para a nossa casa.

Mas que casa?

Acredita que meus pais me fizeram uma surpresa em relação a isso? Eles fizeram os contatos tudo direitinho, mas eu não fiquei sabendo onde seria a nossa casa. E eles continuaram fazendo mistério até a gente chegar lá. Deixaram que eu mesma tirasse minhas conclusões. No começo nem fazia a

menor ideia de onde seria. Mas quando descemos do metro, pegamos o autocarro e ele foi andando, fui reconhecendo aquele caminho. Loucura. Será que era o que eu estava pensando. Cada vez mais fui tendo certeza que sim.

Ah, então era isso. A mesma casa onde morávamos da outra vez que a gente estava aqui. Quando voltamos para o Brasil, a nossa igreja que a gente congregava em Portugal assumiu o aluguel e disponibilizou aquela casa para algum missionário ou missionária itinerante que passasse por lá. E eu achava que ainda estava assim. Mas não. Tudo continuava do mesmo jeito que a deixamos. A senhoria não alugou a casa para ninguém. Estava tudo lá. Camas, sofá, televisões, máquina de lavar (oba, nunca mais vou ter que lavar roupa a mão!), micro-ondas, geladeira, aquecedor, guarda-roupa, espelho de corpo inteiro, cômoda, mesas, etc.

Fiquei passada. Tudo estava lá. E nos esperando cinco anos depois! Impressionante. Meus pais e eu voltamos para a mesma casinha onde morávamos. Nunca amei tanto aquela casa quanto agora. E ela nem é lá essas coisas. Agora sim iria dar certo nosso sonho português, e nada nem ninguém iria melar nossos planos.

Finalmente estava em casa. Depois de uma viagem internacional longa e de uma manhã inteira na rua, o que eu mais queria agora era repor as energias. Tomei um banho quente e resolvi dormir. Eu só não caí de sono no meio da rua porque a viagem foi à noite e eu dormi no avião como se dorme em um hotel. A viagem foi confortável. Fiz a minha refeição, assisti a um filme engraçado e depois eu havia dormido a viagem inteira até de manhã cedo. E em mim, o fuso horário não pesava tanto. Mas que viagem cansa, isso cansa. Portanto, me coloquei embaixo dos edredons e dormi umas boas duas horas. Meus pais também resolveram dormir.

Mais tarde, todos nós fomos ao supermercado fazer compras. Precisávamos de itens de higiene pessoal, produtos de limpeza e comida. Excelente compra.

Nossa vida em Portugal estava correndo muito bem. Naquela mesma semana, a minha mãe começou a trabalhar. Meu pai também estava à caça de emprego. Eu também resolvi os meus assuntos acadêmicos. Meus pais e eu fomos à Faculdade de Ciência Política da Universidade de Lisboa para me matricular. Fomos muito bem tratados e recebidos, para provar que existe gente educada que trata bem os brasileiros. Eu começaria a estudar em Setembro, depois das férias.

Visto que eu havia retornado a Portugal, agora eu teria chance de visitar lugares que eu não tive oportunidade na primeira vez. Eu tinha uma lista com esses lugares. E advinha, no topo da lista estava o Estádio do Sporting. Depois, vinham muitos outros lugares. Eis minha lista:

1. Estádio José Alvalade (Estádio do Sporting).
2. Oceanário de Lisboa. (O ingresso custa uma baba, mas se eu tiver condições de pagar, vale a pena).
3. Pasteis de Belém. (Tudo de bom, eu já comi em casa, mas não é a mesma coisa de comer lá na pastelaria propriamente dita)
4. Centro comercial Dolce Vita. (O maior shopping da Europa)
5. Praia de Carcavelos. (Verão que me aguarde, serei frequentadora assídua da praia assim como a metida da Margarida).
6. Ir ao cinema sempre que possível.

Além de tudo aquilo citado anteriormente, eu também iria passear muito nos lugares onde eu já estive, para reviver bons momentos e matar a saudade.

Desde o Brasil eu vinha falando com meus pais que o primeiro lugar a se passear quando eu voltasse para Portugal seria o Estádio do Sporting. E assim foi. Finalmente um dos meus sonhos estavam se realizando. Tiramos um dia para ir lá.

Numa manhã de primavera portuguesa, meus pais e eu saímos para passear no José Alvalade. Eu estava radiante, feliz por demais. Pegamos o autocarro até Senhor Roubado. De lá, pegamos a linha amarela do metro até Campo Grande. Em poucos minutos, estávamos lá. A gente ficou tirando foto desde o caminho. E quando chegamos lá, tiramos fotos na frente do estádio.

- Finalmente eu vou entrar em você, seu lindo. – eu disse.
- É paixão que não acaba mais, hein Charlotte. – disse minha mãe.
- Ai, ai. – eu disse – Também eu tenho bom senso.

Então o momento épico. Pela primeira vez pisei nas dependências do José Alvalade. Foi simplesmente incrível. Minha emoção foi demonstrada sorrindo, até porque eu não choro de emoção. Tudo era incrível. Tiramos diversas fotos. E então chegamos nós às arquibancadas. Eu vi o gramado. Não me foi permitido pisar nele, mas eu estava lá vendo.

- Que dia épico. O sonho de uma torcedora sendo realizado. – eu disse.

- Você gosta... - disse meu pai – Nunca quis torcer por time brasileiro. Mas é assim mesmo.

- Não me identifiquei com nenhum. Tenho uma consideração especial sobre o Flamengo, por causa da mãe, que é flamenguista roxa. Mas, a minha inclinação é pelo Sporting e pelo Real Madrid. Descobri aos doze anos de idade, é comprovado pela ciência que a preferência por um time é formada e consolidada nessa faixa de idade. – eu disse.

- Foi com uns doze anos mesmo que eu descobri que eu era flamenguista. Tudo começou porque o marido da amiga da minha mãe era são-paulino fanático, e eu não ia com a cara dele. Aí teve um dia em que Flamengo e São Paulo estavam jogando, então eu torci pelo Flamengo de pirraça, só porque eu não gostava desse homem, eu queria ver o time dele perdendo. E assim foi. São Paulo perdeu, o Flamengo ganhou e desde então virei flamenguista assumida. – disse minha mãe.

No José Alvalade, havia o Alvaláxia, que era um centro comercial que se localizava lá dentro. Tanto que pelo lado de fora do estádio, quando ele é visto da janela do metro quando passa em Campo Grande, está escrito “Alvaláxia” em letras enormes. A princípio, eu pensava que esse era o verdadeiro nome do estádio. Um estádio lindo que me chamou muito a atenção. Aí nascia minha paixão pelo Sporting. Adorava quando o metro passava pela estação Campo Grande.

Nós passeamos muito ali naquele dia. A gente viu um monte de coisa legal. Era algo que ficaria na minha memória para sempre.

Naquele dia, finalmente o nosso carro ficou pronto. Iríamos finalmente busca-lo.

- Aleluia, né. – eu disse.

- Se nosso amigo não tivesse bancado tudo, eu que não seria doido de trazer esse carro pra cá. – disse meu pai.

- Mas pelo menos não precisamos nos desfazer dele. Já nos desfizemos de tanta coisa nessa vida, agora chega. – disse minha mãe.

Depois de dias no burocrático, finalmente estávamos com o nosso encarnado em mãos.

- Tirando onda de carro importado. É pra se ficar patrão. – eu disse.

- A Charlotte gosta. Nasceu pra ser rica. – disse minha mãe.

- Deus te ouça. – eu disse.

Motorizados estávamos.

Nossa vida portuguesa continuava uma maravilha e assim seria. Meu pai também arranhou trabalho como técnico em enfermagem. Agora estavam os dois trabalhando.

A final da liga dos campeões de 2014 aconteceria em Lisboa. Ótima notícia. Melhor ainda, Real Madrid garantiu vaga na final juntamente com o Atlético de Madrid. O acontecimento épico do ano. Meu Real Madrid jogando na minha Lisboa.

Como estávamos bem financeiramente, tivemos condições de comprar ingressos para assistir o jogo do ano. Até porque, ingresso lá não era tão exorbitante como no Brasil. Fiquei feliz demais. Iríamos nós três assistir o nosso merengue jogar. Ah, Cristiano Ronaldo.

Finalmente dia do jogo. Seria no estádio do Benfica. Podia ser no do Sporting, mas tudo bem. Mesmo o Benfica sendo o time rival do Sporting, eu também tinha um carinho especial por ele. Gostava dos dois para não dar briga. Estávamos a caráter, com nossas camisas e cachecóis do Real Madrid.

- Gente, isso é histórico. Eu assistindo o jogo do Real ao vivo e a cores e vendo os melhores em campo. – eu disse.

- Acho que alguém vai ver o CR7. – disse minha mãe.

- Não perde uma, não é, mãe? – eu disse.

- *Bella roba*. – disse meu pai.

- *Bella roba* mesmo. Tudo bem que o Cristiano é um gato e joga super bem, mas eu não faço a fã retardada. Admiro-o como pessoa e como futebolista, mas não sou fã. Deus me livre. Isso é coisa de menininha retardada. Mas bem que eu queria que ele autografasse minha camisa e tirasse uma foto comigo. – eu disse.

- Tudo pode acontecer. – disse meu pai.

Compramos nossos lanches e nossos refrigerantes, e fomos para nossos assentos na arquibancada. Tivemos sorte de pegar uns bem na frente, pra ver o jogo bem mais de perto.

E a bola rolou no relvado do Estádio do Benfica. Atlético de Madrid contra Real Madrid em Lisboa. Jogo vai, jogo vem. Daí em dado momento o Atlético de Madrid pega e marca um gol.

- Meu, fala sério! – eu disse.

A situação persistiu. Real Madrid estava jogando muito bem, porém não conseguia marcar gols. O tempo ia passando, o segundo tempo ia acabando, e o Atlético de Madrid já ia garantindo a vitória na liga dos campeões. Quarenta e cinco minutos do segundo tempo e nada.

- Já perdeu. – eu disse.

Eu, nunquinha na galáxia, nem que a vaca tossisse, iria chorar por causa de futebol. Na minha singela opinião, eu achava isso o Ó do borogodó, o fim da paçoca. Para mim, é coisa de gente retardada. Meu, os camaradas ganham milhões pra chutar uma bola, e nem sabem que existimos. E além do mais, é só jogo, é só esporte. Uma coisa boba e superficial. Eu era bem resolvida e

inteligente demais para ficar sofrendo por causa de jogo. Perdeu, perdeu e pronto. Mas quando meu time ganha, aí a comemoração é como deve de ser.

Sabe o acréscimo? Então. Quando tudo parecia perdido pro Real, o Real pega e tasca um gol de empate logo no acréscimo.

- GOOOOLLLLLL! – eu e minha mãe gritamos.

Foi a primeira vez em anos que eu vi minha mãe vibrar com um gol. Nem sabia que ela gostava tanto do Real Madrid. A última vez que eu a vi gritando por futebol foi quando eu tinha seis anos de idade, e ela estava assistindo a um jogo do Flamengo. Antigamente, ela era uma torcedora que gritava muito. Atualmente, ela era mais contida.

- Mamãe, você vibrou! Nem tudo está perdido, agora o Real pega e vira. Vai levar pra prorrogação! Um empate! Era tudo que eles precisavam! Sérgio Ramos é implacável! – eu disse.

- Real vai é ganhar. – disse meu pai.

O jogo foi pra prorrogação. Marcaram Cristiano Ronaldo, Marcelo e Gareth Bale. 3X1 pro Real Madrid. Eu torci, vibrei, pulei.

- É o que eu sempre falo! De viradinha é mais gostoso. – eu disse.

- Sem dúvida. Lembre-se, tudo pode acontecer nos acréscimos. – disse meu pai.

Tive a felicidade de assistir o jogo no estádio e ver meu time ganhando a Liga dos Campeões de 2014 em Lisboa. E o jogo termina.

Me bateu uma vontade de fazer uma loucura. Como eu estava nas fileiras da frente, e mais perto do relvado, eu pulei a mureta e fui ao campo. Antes que alguém me barrasse, advinha quem encontro? Cristiano Ronaldo.

- Cristiano! Prazer em conhecê-lo pessoalmente. Poderias autografar minha camisola, se faz favor. – eu disse.

É clichê, mas para quem não sabe, camisola em Portugal é camisa.

- Sim, autografo. – disse ele, e autografou minha camisa.

- Tira uma foto comigo? – eu disse.

Meu pai tirou umas três fotos nossas. Cristiano Ronaldo me abraçou e nós nos cumprimentamos com dois beijinhos. No rosto, para ficar bem claro. Cristiano Ronaldo foi muito simpático.

- És brasileira? – perguntou ele.

- Sim. – respondi.

- Simpatizo-me muito com Brasil. Adorei conhecer-te. És muito simpática.
– disse ele.

- Obrigada, Cristiano. Também és muito querido. Preciso ir. Foi um prazer conhecer-te pessoalmente. – eu disse.

- Como te chamas? – perguntou.

- Charlotte. – respondi.

Finalmente eu conheci o jogador que eu gosto. Não sou fã fanática, mas tenho grande admiração por ele. Ah, mas que eu suspirei, suspirei.

- Conheci ele! Estive com ele. Ele me chamou de simpática. – eu disse.

- Parabéns. – disse meu pai.

- Minha filhota conheceu o CR7. Que ótimo! – disse minha mãe.

- Hoje é o melhor dia da minha vida! Apesar de tudo, ele é gente como a gente. Não endeuo celebridades. – eu disse.

Muitas pessoas endeusam as celebridades, mas esquecem de que eles são gente como a gente. Também fazem o número 1, o número 2, tiram caca do nariz, soltam pum. Apesar de estar feliz por conhecer uma celebridade de perto, isso para mim não é tudo. Sou inteligente o suficiente para saber que, por detrás de um famoso, existe um humano.

Quando eu penso que terminou, adivinha quem passa perto. Karim Benzema.

- Aquele ali é o Benzema. – disse meu pai.

Já que eu estava lá perto, fui pedir autógrafo para ele também.

- Benzema! *Me donner un autographe, s'il vous plaît.* – eu disse.

- *Oui, oui.* – disse Benzema.

Ele autografou minha camisa.

- *Merci beaucoup.* – eu disse.

- *De rien.* – disse ele – *Vous êtes française?*

- *Non. Je suis brésilienne.* – respondi.

- *Vous parlez française très bien. Comment vous appelez?* – disse ele.

- *Merci. Je m'appelle Charlotte.* – disse eu.

Dois jogadores num dia só. Agora posso dizer que eu vi celebridade de perto.

- Charlotte, você está fera no francês, hein. Estou impressionado. – disse meu pai.

- Até eu fiquei impressionada. Ainda tenho que comer muito arroz e feijão para melhorar esse francês, mas que eu fiquei impressionada, isso eu fiquei. – eu disse.

- Dois autógrafos num dia só. Que sortuda. – disse minha mãe.

- Nunca mais vou usar essa camisa. Eu vou coloca-la numa moldura e por na parede. Isso aqui é valioso. – eu disse.

Naquela noite eu fui dormir feliz. Meu time ganhou em Lisboa, eu estive com Cristiano Ronaldo e Karim Benzema. Não me gabo por isso, nem tampouco quero competir com a Margarida.

Pra mim tanto faz o time ganhar ou perder. Não tô nem aí. Mas quando ganha, aí eu comemoro mesmo. Foi bom, porque naquele ano, na Copa do Mundo, o Brasil perdeu em casa nas semifinais e tomou um chocolate de 7 a 1 da Alemanha. O sonho do hexa ficou pra depois. Muitos brasileiros choraram, ficaram deprimidos e morrendo de vergonha. Eu fiz foi é rir e debochar e andar de cabeça erguida. Era só o que me faltava sofrer por causa de besteira.

No dia seguinte, postei as fotos no Facebook e ganhei muitas curtidas e comentários. Nunca ganhei tanta curtida como dessa vez. E acredite, até a Margarida curtiu minhas fotos com os jogadores. Fiquei passada. Ah, e por falar nela, ela tirou o rastafári e voltou a ter o cabelo liso. Fiquei sabendo também que ela parou de andar com o pessoal esquisito que ela estava andando. Bom pra ela, porque aquilo estava feio e beirando o ridículo.

Logo depois, o verão chegou com tudo. Dias coloridos, noites delirantes. Minha época favorita do ano. Mas só em Portugal. Porque o verão do Brasil na cidade de Aplaunos é um autêntico forno. Alunos do Instituto Técnico Federal comprovaram que era possível fritar um ovo no asfalto de Aplaunos. Certo dia, o capeta foi passar férias lá em Aplaunos e não aguentou o calor de lá. Precisou voltar pro inferno. Isso foi uma piada, mas foi bem engraçada.

Não perdemos tempo. Naquele verão, nos tornamos frequentadores assíduos da praia. Da outra vez que morávamos aqui, só fomos uma vez só. Aí não dá, né. Dois verões vivenciados em Portugal, e ir à praia uma vez só não rola.

Desta vez, estávamos vivendo intensamente. Falta de tempo não era mais desculpa de manco para não ir à guerra. Três meses depois, entrei para a

faculdade. Segundo período de Ciência Política. Eu estava indo muito bem, e gostando muito do curso.

A princípio essa história parece uma utopia, só coisa boa acontecendo, só maravilha, só mar de rosa. Mas não. O que realmente se sucede é que a minha batalha travada foi com meu passado que me assolava. O passado da sétima série, do bullying aos doze anos de idade, das dificuldades financeiras e de relacionamentos. Demorei em esquecer, demorei em me recuperar. Mas consegui. Cresci, amadureci, mudei minha maneira de ver as coisas e de lidar com certas castas de gente. Tornei-me forte, irreverente, durona, valentona, mas sem perder minha essência. Quando voltei ao Brasil em 2009 depois de tanta experiência ruim, voltei machucada, dando graças a Deus por voltar. Mas pensando melhor, refleti que aqueles problemas não podem ser empecilhos para a minha felicidade. No fundo sempre soube que Portugal era a minha paixão, lá poderia ser minha casa, minha pátria adotiva. E que nem tudo que aconteceu foi pelo fato de ser brasileira. Lógico que houve uns comentários maldosos do Brasil, mas foram pouquíssimos e vindos de gente ignorante. Pois os inteligentes sabiam reconhecer as maravilhas do Brasil e sabiam que lá não é a terra do Crêu e do Ai Se Eu Te Pego. Também sabemos fazer música boa. E a MPB? E o nosso rock nacional? Então.

Percebi meu equívoco em relação a Portugal. Descobri que a maioria deles amam os brasileiros, gostam do nosso país, das nossas novelas, da nossa música, do nosso futebol (apesar de ele estar meio mal das pernas ultimamente), descobri que eles torcem pelo Brasil quando ele está jogando. Eles pagam caríssimo por um par de Havaianas, que na Europa custa uma baba. E eu percebi que eu tinha o sonho português e que eu realmente gostava de lá, e que não seria uma experiência ruim que iria mudar o que eu sentia por Lisboa.

Meu regresso foi tudo de bom. Consegui encarar meu passado com bravura e perceber que mudanças positivas aconteceram. Tudo que foi relatado aqui foram as recompensas que recebi, as recompensas que Deus me deu. Percebi também que eles não me viam como a imigrante tupiniquim que sofria bullying e não se vestia bem. E sim me viam como uma pessoa inteligente, eles lembravam-se de mim como a menina que escreveu um livro e que venceu o concurso de ortografia e gramática. Mantive até amizade com as pessoas que foram grandes amigos naqueles tempos. Em especial o Sebastian. Quando eu morava no Brasil, passávamos horas a fio conversando no Facebook.

Nada mais gratificante para uma pessoa do que se ver como era no passado e no que ela se tornou no futuro. O quão bonita ela se tornou no futuro. Para mim, é a melhor maneira de se libertar de um passado

aprisionador e seguir em frente para o futuro, vivendo intensamente no presente.

Podemos comparar a felicidade com uma borboleta. Sou especialista no assunto, pois na minha infância eu passava tardes a fio caçando borboletas. Porque a felicidade se assemelha a uma borboleta? Ficamos correndo atrás dela e não conseguimos alcançar. Mas quando se menos espera, ela pousa no seu ombro.

A felicidade não é a ausência de problemas, eles vão sempre acompanhar nossa vida. Mas felicidade consiste basicamente em viver intensamente, e ter jogo de cintura para solucionar todos os problemas que aparecerem e não permitir que eles te atinjam. São lições que a vida me ensinou.